

**AURORE: DREAM MACHINE**Bárbara Braga Penido Lima<sup>1</sup>

O quarto de Constance era uma mistura entre todo o aparato moderno que o ano 2789 proporcionava e livros, quadros e outros objetos guardados por serem considerados relíquias. Era uma miscelânea de objetos velhos e estranhos aos olhos do mundo em que vivia. Era perigoso manter aquele tipo de coleção. Contudo, herdara da mãe o gosto pela descoberta das coisas antigas. Sua curiosidade sempre colocava sua imaginação em um labirinto de perguntas sobre como foi o mundo antes da criação do Aurore: Dream Machine. As pessoas em sua volta pareciam viver uma vida satisfeita e conformada. Ninguém se importava com o passado e o futuro. Apenas com manter sua cota de contribuição, ter algum entretenimento e sonhar. Ninguém se aposentava também. Após a cota ser atingida, por controle e equilíbrio populacional, era costume e consenso de que as pessoas simplesmente deveriam dormir para sempre.

As luzes ascenderam automaticamente, como todos os dias, às sete da manhã. Dessa vez, era 14 de julho, seu aniversário de 15 anos. Ela não precisaria ir para o centro de recreação dessa vez, lugar que frequentado desde recém-nascida. Na sua mente, mil anos separam a data do seu aniversário da Revolução Francesa. Ninguém fez menção a data. Nenhum “oficial”, apelido dos jornais, falou sobre isso. Ela sabia porque tinha parte de um livro que falava desse acontecimento. E também não poderia contar para ninguém. A humanidade não se lembra mais e faz questão de caminhar sem lembranças. Lembrar é sentir dor, as pessoas afirmavam. Ela se questionava quanto a isso: como podem dizer que se lembrar é ruim, se não há nada para ser lembrado? Uma vez mencionou essa dúvida em público e sua mãe foi obrigada a se explicar e se defender num centro de verificação e detenção dos subversivos. Nunca mais fez perguntas.

Acordar solitária é um costume na casa que coabitava com a mãe, que embora tenha um nome, gosta de ser chamada por seu código: AM170345. Hoje é o dia de Constance

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Tecnológica pelo Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Doutoranda em História pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Graduanda em Letras pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Parecerista: Prof. Dr. James William Goodwin Jr., professor do curso de Letras/CEFET-MG.

receber seu código: o número de registro da aquisição mais importante da sua vida, como se referem os adultos, o aparelho “Aurore”. Sua mãe exercia a função de desobstrução habitacional: derrubar prédios e casas antigas para a construção de novas unidades de moradia. Ninguém se preocupava com esse entulho do passado. Todos residiam em algum Sky, gigantesco prédio de concreto feito com a mistura de plástico reciclável, espuma expansível e cimento. Tudo era igual em qualquer parte do mundo, as pessoas dividiam tarefas para que as engrenagens da humanidade continuassem funcionando eficientemente. Ser eficiente e ter bons sonhos, era o suficiente para todos.

AM170345 tinha um hábito peculiar, antes de destruir, procurava alguma coisa para satisfazer a curiosidade da filha. Ficou conhecida como a “Carregadora”, seus companheiros de trabalho até ajudavam. Constance adorava receber seus presentes. Foi assim que acumulou tantas coisas em seu quarto. Por isso fazia perguntas que sequer deviam ser pensadas pelas pessoas. O oficial e os outros programas trabalhavam duro para isso. O entretenimento era uma programação cientificamente elaborada para a diversão de todos, de forma individualizada. Havia um estudo para isso. Alcançar esse posto era o sonho de Constance. Esse tipo de função dava liberdade para pesquisar sobre as pessoas, comportamento e história. Porém, era reservada aos sujeitos conhecidos por “Odyssee”. Apenas aqueles ligados a casta dos donos da “Beaux Rêves”, ou a companhia que dominava o mundo por ter criado o Aurore. Constance sabia de seu destino: treinamento para se qualificar para uma tarefa qualquer.

Saiu de casa, foi de encontro ao que lhe foi predestinado. Pelo menos carregava um presente de sua mãe. Ao sair do quarto se deparou com o misterioso embrulho. Tinha um bilhete: tome cuidado; aproveite a leitura; não mostre a ninguém. Pelo teor das ordens, sabia que por completar quinze anos recebia algo muito especial. Carregou aquilo como um tesouro até chegar à uma das filiais da “Beaux Rêves”. O prédio espelhado, não parecia ter porta de entrada ou saída. Ao se aproximar, uma fenda era aberta e uma claridade reluzia de dentro. O espaço era amplo. Estava lotado, como esperado. Todos que completam quinze anos neste dia deveriam se apresentar ali para receber uma função social e a máquina que faz dormir e sonhar, o Aurore. Era considerada a conquista do milênio, ultrapassando inclusive a realização das viagens espaço-temporais. Essas viagens só revelaram distorções dimensionais

e nada produziram nem puderam evitar. Constance foi até a recepção, forneceu seu nome e o número de registro de sua mãe. Agora era sentar e aguardar.

Como a espera era longa, sentou-se num lugar mais reservado e abriu com muito cuidado o pacote que sua mãe lhe deu. Era um protótipo falso de leitura digital. Sua mãe era uma artista nas horas vagas e gostava de fazer engenhocas. Aquele protótipo lhe permitia uma leitura tranquila. Porém, quando a garota se deparou com trechos de um diário que contava os motivos da criação do Aurore, a leitura ficou emocionante. Sem inscrição de nome ou de data, a narrativa era percorrida por olhos atentos e famintos, que começava de forma brusca:

“Desde o final do século XIX, o homem buscava superar a si mesmo e a ciência adquiria o imperativo de reinar sobre toda a forma de vida. Inaugurava-se mais uma era de progresso, de modernidade e de civilização no discurso e no imaginário social. A eletricidade tinha sua manipulação ampliada e melhorada; vieram as ferrovias e os navios a vapor; aviões redefiniam a paisagem do céu; a química e a biologia curavam diversas doenças. O homem se acreditava onipotente! Porém, a fé, aos poucos, esvaía-se na contemplação da evolução dos fenômenos que se iniciaram no século XX. Foi um século sem tréguas para a vida humana, definido pela progressiva decadência do que sobrou da sociedade. Novos ditames ora organizaram ou desorganizaram, ora estruturaram ou desmembraram as comunidades, rebaixando os homens em padrões homogêneos globalizados, que reforçavam um determinado *status quo* e a pertinência de uma individualidade competitiva sem fim.

Os homens passavam a ser cada vez mais dirigidos e inspirados conforme as necessidades criadas pela mídia; não as de seu gosto, dos feitos de sua personalidade. Necessidades que sequer despertavam paixões ou animavam sua atividade. Era uma vida cadenciada num ritmo mecânico: muitas horas no trabalho, poucas horas de descanso, um lazer sem alegria. Os homens já não eram mais senhores de si. Essa massificação programada teve um efeito inesperado: a tão esperada revolução tecnológica devorava seus filhos, lenta e cruelmente. Durante o século XX, surgiram duas grandes guerras, crises econômicas, regimes políticos instáveis, dramas humanitários, separatismos e categorizações sociais, conflitos e violências civis, guerras locais, nacionalismos e conservadorismos, opressões políticas, guerras fiscais e econômicas, pressões econômicas, desastres ambientais, destruição e

surgimento de novas ordens governamentais. Era um ciclo elíptico da humanidade, que esquálida apenas entendia seguir avante, caminhando sem propósito para o século XXI.

Vivia-se a lógica do agora, do imediato, e nos meandros dessa época nem a sorte nem a virtude foram suficientes para essa geração fazer-se ativa. As expectativas se resumiam num ruminar de apatias sobrevividas da desesperança. O tempo, célere, agia sobre todos. O que sucedia entre o nascimento e a morte não deixava vestígios tampouco legados pessoais. O registro de imagens do vivido, latente nos labirintos alma ou evidente nas cicatrizes do corpo, desvanecia à luz da consciência. Ninguém se apercebia dos grilhões em que, por conta própria, se acorrentava. Era um ranger de correntes arrastadas pelas ruas, cheias de galerias e lojas, de propagandas massivas, repetindo as mesmas mensagens nucleares: o sucesso profissional é uma realização de felicidade; a felicidade só existe se for exposta para o outro; uma vida boa é uma vida invejada. O século XXI era descabido entre a ausência da produção livre de conhecimento e sucessão de fatos inauditos, gestados na falta de senso e na exacerbada insanidade humana.

Não que o conhecimento estivesse perdido por completo. Obviamente grandes conglomerados econômicos comandavam o fazer científico, dentro dos jogos políticos. Apreciava-se o conhecimento técnico utilitário e seus usos. Produtos eram criados respeitando às leis de mercado em oposição ao ideal de promover o bem-estar social. O utilitarismo substituiu o conhecimento humanístico, filantrópico, filosófico. A selvajaria civilizada criava a era dos impropérios, discursivos ou imagéticos. Os absurdos mais infames já integravam a experiência comum do cotidiano. O dia-a-dia oscilava entre um “salve-se quem puder” e “salvo está aquele que de tudo pode comprar”. Compre! Compre sua vaidade e eleve seu ego! As mais diversas bugigangas eram inventadas, cuja utilidade era zero. Porém, pobre daquele que não tivesse alguma, que não vivesse numa construção de alvenaria espelhada ou que não se comunicava por meio de hologramas. O homem vituriano do século XXI, gestado nos dois séculos predecessores, foi concebido para consumir e ser consumido.

Este sujeito ao rebaixar-se a desejos inomináveis, a competir com o tempo, a se iludir num patamar de sucesso profissional inatingível, tornava-se cada vez mais catártico em sofrimento. Certamente essa catarse se transformaria em algo pior, permitindo a emersão de feras e demônios quiméricos da consciência individual e coletiva. Não há notícias de como tal

amalgama de emoções gerou a primeira pandemia de depressão e suicídio em meados do século XXI. Ela aconteceu. Em sequência vieram outras, maiores, vitimando homens e mulheres. Era uma época estranha, permeada de controvérsias, inconteste. Estranha, porque a perda do diálogo levou o homem à barbárie, justamente no ápice do progresso dos meios de comunicação e dos ideais de civilização. Controversa visto que o inovador roubava o lugar das tradições – lugar sempre reclamado no pedestal das lembranças de um passado longínquo em que tudo era considerado melhor, mais propício, menos tumultuado. Inconteste, pois, não havia voz para contestar esse período; e, se havia, rapidamente era silenciada.

A angústia preencheu os corações humanos, em todos os cantos do mundo. A tristeza e a melancolia golpeavam essas pobres almas, deprimidas. As pessoas, cedo, desfaleciam; brotos que não chegavam a desabrochar esplendidamente. Não conseguiam forçar seu crescimento interior sufocados por uma rotina de trabalho compulsório e lazer ilusório. Uma dor não localizada nem visível no corpo, mas que fazia sangrar lástimas e pesares. Era um pesadelo. O estado de inércia e solidão conjugados com a exaustão mental levava a opção por medidas extremas. O suicídio se tornou a doença mais perigosa do século XXI. Era uma pandemia. A depressão profunda acolhia a todos sem distinção: não escolhia cor, credo ou classe social. Jovens e adultos pereciam. O caos social já não era um horizonte a ser evocado, estava presente na realidade. Ninguém mais temia o fim do mundo, já que colocava um fim em si próprio.

O mundo poderia acabar desse jeito... Não o mundo humano, contudo, a sociedade a qual se conhecia. Era urgente que um tratamento, um medicamento ou um milagre fosse criado. Quando os sistemas de produção foram abalados profundamente, os governos concordaram em agir, fornecendo auxílio mútuo de seus centros de pesquisa. Reuniram-se especialistas de todo o mundo para perscrutar um caminho árduo: pesquisar a solução da doença. Embora reunidos, eles combatiam entre si, seus egos e individualismos atrapalhavam o trabalho em conjunto. Ademais, todos sabiam que a nação que dominasse o problema facilmente se elevaria a primeira potência mundial. Embora já fabricassem diamantes na mesma proporção que energéticos de açúcar (próprios até para diabéticos), este remédio era visto como a maior valiosa conquista da tecnologia científica.

Obedecendo às ordens de seus respectivos governos, os cientistas tentavam resolver a questão sem atender as prerrogativas do trabalho em grupo. Era previsível o atraso dos resultados. Já se falava em apostar qual nação conseguiria desvendar o mistério que escravizava a humanidade. Três países despontavam na liderança das apostas: a Alemanha, os Estados Unidos e o Japão. Porém, a verdade é que os pesquisadores tergiversavam sobre os avanços de seus estudos. Nem as baratas estavam tão tontas. Elas haviam evoluído, a sociedade não. Para acalmar os ânimos e os desesperos de todo o mundo, os eleitos da inteligência decidiram tomar medidas múltiplas: liberaram psicotrópicos alucinógenos; mudaram a metodologia de ensino; inverteram as formas de trabalho e criaram um chip de implante correcional no cérebro. Nenhum método era inovador e muito menos se mostrou eficaz. Se a depressão ainda surgisse no diagnóstico, a morte ainda parecia a melhor alternativa de cura.

O problema só piorou. Além dos suicídios também foi preciso lidar com altos índices de morte por overdose, por acidentes, pelos erros de programação do novo chip, etc. As drogas e os chips davam livre acesso aos Campos Elísios do subconsciente. Quem não gostaria singrar no mar de seus próprios sonhos, experimentados muito próximos da realidade? Quem não gostaria de se perder em paraísos sutis das delícias de sua mente? Quem não gostaria de calar aquela voz interior que o tempo todo gritava por socorro e proclamava autos de fracassos? Quem não desejaria se sentir liberto de tantas amarras morais e sociais? Sentir aflorar em si um estado de amor sem o menor esforço em amar? Todos poderiam realizar seus desejos e suas venturas íntimas. E morreriam, mil vezes se necessário, para permanecer o maior tempo possível no éden de sua criação, em nirvanas induzidos.

As buscas para o fim dos suicídios de “Werther”, apelido da pandemia de mortes por depressão em referência ao passado da publicação do livro de Goethe que provocou um surto de suicídios entre os românticos no século XIX, resultaram na criação do pitoresco Aurore: Dream Machine. Portátil, pequeno, estranhamente confortável pelo acolchoado em viscoelástico e poliuretano, com uma camada de gel para controlar a temperatura e com um mecanismo de infravermelho magnético, para melhorar a circulação sanguínea e diminuir o estresse cotidiano. Ele tem duas tiras que perpassam a região frontal acima das têmporas e musculatura escalena, interligada por dois círculos orbitais localizados respectivamente no

meio do crânio e outra envolvendo o queixo. Todas as tiras são acolchoadas e projetadas de forma que se encaixam confortavelmente na cabeça de qualquer um, emitindo ondas magnéticas a partir de onde são fixadas. Dessas faixas acolchoadas saem três fios a serem ligados na região frontal e quatro fios a serem ligados ao longo do pescoço.

O dispositivo ao ser todo ligado na cabeça e pescoço do indivíduo provocava pequenos eletrochoques, alternando ondas curtas e longas. Os eletrochoques tinham uma dupla função: dar um insight no indivíduo para dormir. Basicamente, realizava o sonho de qualquer pessoa desse mundo moderno: desligar sua mente de forma instantânea. Finalmente era possível dormir em paz. Enquanto o sujeito estava entregue ao sono milagroso, os eletrochoques continuavam a funcionar para estimular a glândula pineal visando trabalhar de forma positiva o inconsciente. Outro insight era produzido. Os fios ligados no pescoço, por sua vez, produziam pequenas ondas de eletrochoque, um pouco mais fortes. Nessa região, os eletrochoques tinham por função relaxar toda a musculatura do pescoço e ombros. Milagrosamente, a tensão suportada pelo homem sumia. Poderia ser utilizado em qualquer momento. Tinha um mecanismo de controle temporal. Assim, todo mundo só precisava encontrar um lugar silencioso para deitar e usufruir de um estado de paz, sem se intoxicar para isso. Era a máquina dos sonhos do homem polivalente. A humanidade dava um salto muito maior do que poderia ter imaginado.

Aurore não causava danos físicos. Mantinha a mente humana focada, criativa, quieta, sonhando. Ao contrário do chip, não era um implante cerebral que proporcionava a programação e correção dos distúrbios emocionais a partir de ondas magnéticas. O problema é que esse implante seria controlado por alguma empresa e as pessoas estavam se tornando robôs. Viviam no seu mundo virtual e morriam desidratadas porque até a fome e a sede, o chip suprimia. Era uma tecnologia cibernética que desconsiderava as funções básicas para manter o corpo humano vivo. O chip se preocupava apenas com a mente. De uma maneira genérica, poderia ser controlado por um microcomputador ou telefone. Era só acessar sua conta privada e a pessoa estava imersa em outra realidade. O chip criou mais problemas do que corrigiu.

Por sua vez, o Aurore provocava curtas ondas de eletrochoque no cérebro e na hipófise. Essas ondas foram decodificadas e seguiam ritmos musicais selecionados. Primeiro

a máquina emitia os sons musicais de composições eruditas. Escolheram Bach, Mozart (sua fase romântica), Chopin, Beethoven e Tchaikovsky. Perceberam que essas melodias emitiam verdadeiras ondas calmantes para os cérebros mais perturbados. O próprio aparelho, de forma confortável, tocava aos ouvidos essas composições. E havia um truque, todo o som externo era vedado por um fone que o acompanhava e era preciso ficar quieto para ouvir a música que tocava em baixo volume. A quietude induzida proporcionava já um estado propício para receber os eletrochoques. O corpo ficava em leve torpor, entregue as sensações do momento. As pessoas apenas sentiam, sem racionalizar muito sobre isso. Elas simplesmente paravam de pensar. A computação se utilizava dos modelos matemáticos, decodificados nas ondas musicais, para fazer uma reprogramação das sinapses cerebrais. Acompanhava o aparelho um pequeno difusor aromático, que poderia ser acoplado às faixas laterais do rosto. Um perfume suave de lavanda e gerânio envolvia o usuário do produto, causando uma experiência olfativa calmante.

Era algo primoroso e eficiente. Um aparelho que trabalhava praticamente todos os sentidos primários do ser humano. Assim, interagia diretamente no seu consciente e inconsciente. Causando a satisfação desses sentidos de uma forma verossímil, a felicidade era alcançada. O segredo da vida estava na satisfação das pequenas sensações humanas, as mais primárias. Não era preciso nenhuma bugiganga estridente. O chip de implantação cerebral, que se tornou o videogame japonês mais famoso da época, também era desnecessário. Colchões e cápsulas de hidromassagem eletromagnéticos estavam descartados (viraram propaganda para a estética do emagrecimento).

O importante era que o século XXI estava a salvo pelos... franceses! Apesar da jocosidade das apostas, ninguém imaginaria que seriam os franceses a criar o Aurore: Dream Machine. A vitória era deles. Por causa deles, o mundo do século XXI sobreviveria tal como era, como foi feito para ser. As invenções, que foram descartadas a priori, tiveram seus usos ressignificados. Integravam também o mercado de consumo. Apenas o homem continuava a fugir de si mesmo, adentrando ainda mais fundo na caverna da qual escapara há milênios atrás.”

Era um relato completo. Ela nem desejava mais o cargo em algum setor de entretenimento. Sentiu asco do seu mundo, um vasto cemitério de emoções. Constance



guardou a engenhoca, ficou ensimesmada em seus pensamentos. Ficou horas olhando para o vazio e seu peito arfava. Estava perturbada, respiração difícil e dor no peito, segurava às lágrimas. Era isso que todos sentiam? Essa tal de angústia? Era preciso tempo para responder. E a garota acabou de ouvir seu nome ser chamado. Segurou as emoções. Um rosto sereno era o ideal para ocasião. Um pouco trôpega chegou até a recepção. Foi encaminhada para uma sala no final do corredor. Enquanto andava sentia-se sem personalidade e quando saísse dali também já não seria Constance, apenas um número riscado numa caverna.